

## Índice

I. <i>Quasi una fantasia</i>	11
II. Quatro minutos e trinta e três segundos	31
III. O conceito de angústia em constante referência a nada em concreto	49
IV. Ódio à música	67
V. Narciso acha feio o que não é espelho	85
VI. O corpo é a melhor imagem da alma humana (ou um estranho caso anatômico)	103
VII. O mundo de um homem feliz e o mundo de um homem infeliz	123
VIII. O <i>punctum</i> (ou o começo do terrível)	141
IX. <i>Via negativa</i> (ou quando a conclusão não se segue das premissas)	161
X. Uma árvore cai na floresta	181

## I

### *Quasi una fantasia*

Jesus caminha à beira-mar. O trapo que lhe cobre o corpo magro molha-se com o refluxo das ondas. Ninguém o segue, nenhum pescador lhe concede mais do que um breve olhar desinteressado. E retomam as suas redes, vazias de peixe e de glória. Mas não o procuram. Por que motivo haveriam de apontar e caminhar atrás de um mero moribundo, alheado de tudo, até das ondas que rebentam e lhe humedecem a orla do trapo que lhe cobre o corpo? Quando subir à povoação, mais tarde, nem lunáticos nem cegos, paralíticos ou desfigurados irão procurá-lo, pois é ele que parece o mais mendigo, o mais estropiado de todos: as suas barbas, o seu rosto acabrunhado, triste e meditabundo, o seu olhar perdido e, no entanto, ali, disponível para quem o quiser observar, solícito, vagamente interessado, deferente a quem lhe prestar um pouco de atenção.

Se este homem fosse Jesus Cristo, seria uma tragédia, o desmoronar de um núcleo duro de certezas, do palácio da religião, de um sem-número cego de crenças, de toda uma civilização. Mas não é, embora pudesse ser, pelo menos do ponto de vista da desencantada, descrente contemporaneidade. De resto, tudo existe, embora sem a aura bíblica: o homem, o trapo, as barbas, o desprezo pela água fria das ondas que lhe humedecem o trapo, o olhar alheado, embora um tanto interessado (uma estranha con-

jugação, concedamos), alguns pescadores, as redes vazias, ou talvez não sejam exactamente pescadores, mas uns quantos forasteiros que se banham nas derradeiras vagas de um início de Setembro. E isto não é o mar da Galileia, mas uma ilha turística de Veneza, mais precisamente o Lido, onde ali perto, tão perto da praia repleta de “zonas concessionadas” (ou seja, pagas, para pessoas que pagam para ir à praia), se realiza um famoso e elegante festival de cinema. Francisco, o das barbas, o do trapo roto, o do olhar alheado e vagamente interessado no que vai observando nesse entorpecedor alheamento, percorre os enigmáticos mapas de areia desenhados à beira-mar e em breve irá subir, primeiro rumo à via Candia, depois para o seu pequeno apartamento alugado, antecedido de um modesto jardim à entrada do qual há um velho que, na sua imaginação, terá morrido há muito, mas que nesses dias teima em cumprimentá-lo com um inevitável e vivificante “*buongiorno!*”. Note-se, porém, que esta saudação é só garganta (ou, quando muito, um caso de bronquite aguda), posto que os fantasmas não falam.

Se rebobinarmos um pouco a fita e a fixarmos no olhar ensimesmado do nosso bizarro herói, talvez não seja totalmente despicienda a analogia feita com Jesus, do ponto de vista de Francisco, entenda-se, uma vez que ele próprio se lembrou dessa absurda associação, com o golpe de um riso no rosto, enquanto caminhava à beira-mar: sedento de dar, curar e tratar o mundo, possui tudo menos a atenção ou a vontade dos outros, os de espírito mutilado, os desterrados ou românticamente expatriados, o seu desalento provém do facto de o vazio e alheado interesse que ainda nutre pela criatura humana não ser correspondido. Vendo bem, talvez algumas coisas sejam produto inacabado da sua imaginação nesse dia de final de Verão um pouco entontecedor e não seja, afinal, um trapo que lhe cobre o corpo, mas sim uns meros calções de banho azuis com pequeninas âncoras estampadas, do mesmo modo que não serão certamente longas as barbas que lhe cobrem a nesga de esgar que lhe entorta ligeiramente o canto esquerdo do lábio inferior, mas uma simples barba de dois ou três

dias (ou cinco, dez — quantos dias passaram?) em que se nota já uma profusão de pêlos brancos. Hoje, talvez só hoje, esta imitação desvirtuada de Cristo precisa muito que precisem dele, mas desgraçadamente não é esse o caso. Seja como for, e para o que der e vier, procura fazer do próprio espírito espelho cristalino, esforça-se por reflectir as mais pequenas dores e alegrias daquilo que o rodeia, tomando-as como entornos da sua peculiar sensibilidade. Em suma, faz coro ilegítimo com o apóstolo Paulo: “Tornei-me todas as coisas para todas as pessoas, para salvar alguns a qualquer custo.” Os seus serviços, porém, terão sido desde sempre dispensados.

Caminheamos então com ele desde a placidez da praia até ao apartamento na via Candia, talvez uns dez minutos em passo ligeiro. Faz um fim de tarde não muito frio, e o velho repete o sempiterno “*buongiorno*” à porta de entrada do prédio, sentado na sua cadeira de plástico. Francisco habituou-se a vê-lo não como um velho, mas como um homem quase demente de meia-idade. Habituou-se, isto é, a sua mente viciou-se em vê-lo como esse homem soviético chamado Zasetsky que serve de objecto de estudo ao psicólogo A. R. Luria no livro que Francisco lê e relê com uma voracidade um tanto equivocada, *The Man with a Shattered World*. Habituou-se a vê-lo não como o velho italiano de identidade desconhecida (exceptuando o pormenor de passar tardes inteiras à porta do edifício sentado na cadeira de plástico como se fosse dono de todos aqueles canteiros que avermelham os dias de Setembro), mas como esse soviético destroçado que perdeu quase por inteiro a capacidade de falar e de compreender a linguagem nas suas várias formas e feitios, um afásico com a marca indelével de uma bala na cabeça, o homem com um mundo estilhaçado, um traumatizado da Segunda Guerra Mundial, talvez uma versão quase anónima da famosa personagem Septimus, do romance *Mrs. Dalloway*, que deixou de ter as competências necessárias para essa coisa tão singela e ao mesmo tempo tão complexa que é habitar o mundo, ou ter residência na terra, como diz o poeta. Só que o velho, pelos vistos, chama-se Silvio e não

Zasetsky ou Septimus, pois Francisco ouviu uma senhora dirigir-lhe a palavra como se falasse com o próprio pai e o pai respondesse por esse nome. Mas o velho Silvio, à entrada do edifício, parece repetir sempre a mesma palavra, o mesmo cumprimento, há mais de setenta anos, e Francisco chega até a considerar que o seu nome terá saído do memorial erguido do outro lado da ilha, em Malamocco, construído em homenagem aos falecidos combatentes italianos da Segunda Grande Guerra, memorial esse onde morrem lilases todos os dias e que serve a Francisco de marco para simbolizar um retorno, a hora de voltar para trás após dez quilómetros de corrida, um percurso que completa quase todos os dias desde que chegou ao Lido. Quando terá sido?

Tomemos por instantes o pulso ao nosso atleta amador e, acrescente-se, estudante e académico de serviço, aos modos e costumes que prendem a sua peculiar sensibilidade a uma actividade de natureza pouco clara que consiste, em traços largos, na escrita subsidiada (por entidades um tanto obscuras) de um *longo ensaio* a que atribuiu o título experimental “A Impossibilidade do Discurso e a Estranheza do Quotidiano”. Façamos-lhe justiça e concedamos que este título lhe podia às vezes servir de gancho sedutor em conversas com curiosos nas frentes de combate académicas, atrás dos muros das universidades, embora a sua incómoda verbosidade lhe pesasse às costas como uma placa de cimento gravada com as letras gélidas do seu próprio epitáfio. Talvez um qualquer equívoco na substância das suas investigações literárias, ou na sua condição de estudante tardio de artes e de literatura, o tenha conduzido por engano a esta pequena ilha turística, uma encantadora varanda de veraneio, é verdade, quando na realidade deveria estar, por exemplo, nas ruas de uma Trieste reinventada onde Joyce e a sua Nora chegaram a conviver em tempos com o senhor e a senhora Svevo. Ou, quando muito, talvez devesse ter pousado na cidade de Veneza propriamente dita, onde consta que Freud terá andado às voltas, perto de um bairro de prostitutas, muito espantado com a lúgubre e estranha coincidência de ir desembocar sempre na mesma *piazza*, no mesmo inferno claustrofóbico e la-

biríntico dos desvãos da sua mente. Ou talvez devesse ter seguido os passos de Hemingway ou de Pound, tudo menos a pequena ilha do Lido e as fortuitas e inúteis visitas, como que à sorrelfa, à biblioteca da Università Ca' Foscari, onde é hábito os jovens funcionários descobrirem-no de dedo colado ao queixo junto às prateleiras dos livros da cave sem se decidir a pegar num só volume. Mas foi aí que pegou, quase por desfastio, em *The Man with a Shattered World*; e nas descrições que o conhecedor Luria faz desse afásico, o pobre senhor Zasetsky, relatando o seu modo gaguejante de andar na vida, Francisco identifica inevitavelmente o velho Silvio e, por arrasto, essa enlouquecida personagem, Septimus, do famoso romance de Virginia Woolf, acompanhado pela sua mulher, Rezia, que, por mais esforços que faça, não consegue mitigar o trauma do seu marido ex-combatente das trincheiras na Primeira Guerra Mundial. Parece até que consegue ouvir a voz atormentada de Septimus quando pensa no velho à entrada do prédio, quando pensa em Zasetsky: “Comunicação é saúde; comunicação é felicidade, comunicação...” E, de certo modo, encontra também nessa descrição do homem com um mundo estilhaçado um pouco da sua própria pessoa, embora nunca tivesse sido atingido pelo estilhaço de uma bala, de um obus ou algo do género. Talvez a trincheira talhada para este Cristo apoucado (mortificado pelas suas insignificantes faltas durante a sua vida ainda breve), para este homem desejoso de ajudar os outros sem conseguir, *alas*, ajudar-se a si mesmo, se designe Colégio Alfa Beta, e o seu jogo privado de guerra e paz remonte a um qualquer capítulo delicado da sua infância, nomeadamente ao menino que se vê lá no fundo, bem lá no fundo do pátio empedrado do recreio do colégio, bem lá no fundo do vórtice seco da memória, um menino de bibe (e, mais tarde, de camisa branca e calças axadrezadas) que come terra e se baba. Talvez que, ainda hoje, ao passar na rua, alguém que o reconheça e o chame não pelo nome, mas com a expressão “menino que come terra e se baba”, o faça virar-se por instinto e procurar com o olhar quem assim o chama, pois seria o mesmo que chamá-lo pelo nome.